

Representações de aspectos históricos em narrativas.

Veridiana Pinheiro¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo propor uma discussão acerca dos aspectos históricos, em particular a imigração japonesa, no Brasil, problematizados pela estética do *ressentimento* nas narrativas literárias latino-americanas: *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, *O Sol se Põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho. Estas narrativas servem de objetos provocativos para as reflexões em torno de leituras subjetivas da história e seus desdobramentos teóricos provenientes de leituras dos campos da arte, filosofia, história e crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: História. Narrativa. Representação.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo proponer un debate sobre los aspectos históricos, en particular la inmigración japonesa en Brasil, problematizada por la estética del resentimiento en las narraciones literarias de América Latina: *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, *O Sol se Põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho. Estas narrativas sirven como objetos provocadoras reflexiones en torno a las lecturas subjetivas de la historia y sus desarrollos teóricos lecturas de los campos de la filosofía, la historia y la crítica literaria.

PALABRAS CLAVE: Historia. Narrativa. Representación.

¹ Possui Graduação em Letras, Mestre em Estudos Literários e Doutoranda pelo Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

Representações de aspectos históricos em narrativas.

Considerações iniciais

Nosso tesouro está onde estão as colmeias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito levar algo “para casa”.

(NIETZSCHE, 2009, p. 7)

Refletir acerca da estética do *ressentimento* é conjecturar sobre alguns conhecimentos do campo dos afetos, cujo caminho se dá pela relação entre história e memória ancorada pelo tempo expresso nas narrativas, objetos deste trabalho. Assim, as narrativas apresentam uma forma particular de linguagem representada pela dor, violência, angústia e o autoritarismo de estado.

Podemos pensar que o tesouro de que fala Friedrich Nietzsche na epígrafe acima está vinculado a memória de um passado, vivenciado pela dor e pelo descontentamento, daquele que tinha apenas um objetivo, o de voltar para casa, como exemplo, citamos os imigrantes japoneses, pois é tendo em vista a presença desses imigrantes, que vieram para o Brasil e não puderam mais voltar que comungamos da ideia de Nietzsche apontada na epígrafe. Vale ressaltar que o dado histórico da imigração está presente nas narrativas *Cinzas do Norte* (2005)², de Milton Hatoum e também em *O Sol se Põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho, objetos de nossa pesquisa.

Assim, é diante da ideia de que há na narrativa um elemento próprio da história, que o romance histórico surge como voz alternativa de uma arte que sublinha aspectos da História no âmbito da criação literária. Com vista neste aspecto nuclear de uma voz alternativa, compreendemos que é possível o passado ser representado pela narrativa ficcional, cujo elemento original é justamente a histórica do assunto a ser problematizado, mediante um processo de apropriação de um tempo vinculado a história.

Este trabalho objetiva apresentar alguns levantamentos históricos, para mostrar como a estética do *ressentimento* está vinculada a matéria ficcional imigração japonesa, no Brasil. Tal matéria será averiguada principalmente nos objetos literários, em particular as narrativas latino-americanas: *Cinzas do Norte* e *O Sol se Põe em São Paulo*. Antes, porém iremos apresentar sucintamente duas abordagens teóricas. A primeira diz respeito à definição do romance histórico e a

² Para este trabalho estamos utilizando a edição de 2010, da Companhia das Letras.

segunda a conceituação do *ressentimento* enquanto categoria estética e literária para em seguida averiguarmos como o *ressentimento* de faz presente nas narrativas em análise.

2. Aspectos que constituem o romance histórico

Segundo György Lukács (2011)³, o romance histórico surgiu com a queda de Napoleão, no início do século XIX. A obra que marca esse novo estilo romanesco segundo o autor é *Waverley* de Walter Scott (1814), em que nele é narrado um processo histórico específico da Escócia – a insurreição Jacobita de 1745 – cujo objetivo era restaurar o poder da dinastia Stuart, com a devolução do trono a Charles Edward Stuart. Para Paula Caldas Frattini (2010, p. 11 – grifos nossos) “o aspecto preponderante da narrativa [de Scott] não é a crônica do fato, mas a apresentação, ao leitor, da vida dos homens de outrora inseridos em um momento histórico específico”. Voltando ao texto de Lukács, percebemos que essa apresentação do romance de Scott é constituída pelo elemento histórico que brota de maneira específica do tempo da história que a narrativa problematiza, *Waverley* se destaca na discussão por ser diferente das outras obras que apresentam os elementos que caracterizam o romance histórico, debatidas Lukács.

De acordo com o exposto, o romance histórico formula ficcionalmente a vida social, política e cultural, que de acordo com Lukács,

[essa] vida interior do povo [...] ligada ao moderno exército de massas [...] diferentes daquele com os exércitos absolutistas [ocorre] na França, [na medida em que] cai a barreira social entre o oficial nobre e a tropa: a ascensão aos mais altos postos do exército está aberta a todos (LUKÁCS, 2011, p. 39 – grifos nossos).

Nesse sentido, é a partir de uma nova concepção de romance presente na arte de Scott que podemos vislumbrar a compreensão dos aspectos que configuram o romance histórico de acordo com Lukács. Portanto, György Lukács, discute a forma do romance histórico mediante quatro aspectos. O primeiro trata da forma clássica do romance histórico em que o autor apresenta o surgimento dessa modalidade de romance. O segundo aspecto diz respeito ao romance histórico ligado ao drama histórico em que Lukács trata dos fatos da vida a partir da separação entre o épico e o drama mediante a figuração do conflito entre o épico e o drama. No terceiro, o autor apresenta a relação entre o romance histórico e a crise do realismo burguês, em que tal crise é marcada pela Revolução de 1848 e o quarto e último aspecto incide na ideia de que o romance histórico está

³ Para este trabalho estamos utilizando a tradução de Rubens Enderle, publicada em 2011.

ligado ao humanismo democrático tematizado pelo caráter popular e de espírito autêntico da história.

Assim, para Frattini o romance histórico segundo a visão de Lukács, considera entre outras coisas, o objeto histórico submetido na própria história.

Vale ressaltar que essa visão sobre o romance histórico diz respeito em primeira instância ao surgimento na Europa, mas diferente do modo como aconteceu na Europa, decidimos averiguar também de que forma os escritores de uma história literária aqui no Brasil estavam escrevendo sobre esse novo formato de romance. A escrita sobre o romance histórico surgiu primeiro em uma história da literatura no Brasil, ou seja, foi com a publicação da “História crítica do romance histórico” de Temístocles Linhares (1987), que o a crítica literária brasileira também passou a fazer parte dessa discussão entorno desse novo formato de romance. Para o Linhares “o romance histórico teve os seus cultivadores, mais entre os historiadores [no Brasil] que tinham veleidades de incursionar pelo terreno do romance, porfiados em alguns vãos de imaginação e fantasia” (LINHARES, p. 638-639 – grifos nossos). O autor inicialmente costura a ideia de que o romance brasileiro é, antes de qualquer coisa, uma espécie de ensaio do romance histórico, pois o melhoramento da técnica ficcional de produção do romance histórico está condicionado por um estado econômico, social e político, de que as problemáticas se tornam reflexões.

Nesse construto, diferente do afirmam Linhares e Lukács, percebemos que o texto de Alcmeno Bastos (2007), propõe uma introdução ao *Romance Histórico*, mediante o arrolamento entre história e ficção em que o autor mostra inicialmente a diferença entre o papel do *historiador* e o papel do *poeta* desde poética de Aristóteles, dessa forma Bastos parte da premissa de que o romance histórico não surgiu inicialmente, no século XIX. Para Bastos (2007, p. 9), “na concepção moderna do termo, entre o final do século XVIII e o início do XIX, provocou intensa discussão sobre o lugar que deriva caber-lhe no quadro tipológico-conceitual do gênero épico”. Para o autor, é sobre duas posições que se tem vislumbrado uma *poética* do romance. A primeira diz respeito à natureza aberta da modalidade receptiva e a segunda é a aliança das formas discursivas que abandonassem a seriedade. De acordo com Bastos, dentre essas duas formas discursivas: a que o romance histórico estaria mais próximo, é a forma da história, ou seja, “a ficção histórica continua a seduzir-nos com a memória dos homens e dos fatos que vieram antes de nós” (BASTOS, 2007, p. 13).

É tendo em vista o aspecto apontado por Bastos, que a estética do *ressentimento* é pensada, pois se refletirmos sobre a memória dos fatos em um determinado tempo, encontrarmos o elemento

básico que compõe o *ressentimento* que é algum tipo de sofrimento, causado pelas consequências de algo que foi marcado por um episódio histórico, que neste trabalho é a imigração japonesa para o Brasil. Vale ressaltar que o elemento básico de composição só é possível em função de a matéria narrada ser de “extração histórica”⁴, pois essa matéria é problematizada pelos romances que fazem parte do corpus desta pesquisa,

Antes de discutirmos como a imigração emerge nesses romances, vamos apresentar um breve levantamento que fizemos acerca da definição do *ressentimento*.

3- Aspectos que constituem a estética do *ressentimento*.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa Aurélio o *ressentimento* tem como definição o ato e ou/efeito de se ressentir em relação a um sentimento que comporta muita magoa, ou mesmo sentir-se profundamente melindrado. Podemos dizer que é a partir do *ressentimento* que os sentimentos como a inveja, o rancor, o ciúme, a maldade, a humilhação e o medo surgem.

Outra definição é segundo o dicionário⁵ de filosofia que afirma a ideia de que o *ressentimento* surge com um caráter de inibição em relação ao mundo humano enquanto movimento de reação, isto é, alguém que fez outrem sofrer sem que este possa responder a tal agressão, neste caso ocorre o estabelecimento de uma relação com o agente que causou o sofrimento, uma vez que este alguém não pode reencontrar inocência previa na ação do agente. Assim, o “*ressentimento envenena porque prende ao passado*”.

É justamente nessa ligação com o passado que o *ressentimento* constrói uma um arrolamento subjetivo, individual e coletivo, tendo em vista os acontecimentos históricos políticos e culturais que aconteceram, ou seja, é a experiência negativa do vivido que de certa forma permite que se pense em uma estética do *ressentimento* mediante um plano de múltiplas formas de afeto.

Tal aspecto do *ressentimento* é representado na narrativa de *Cinzas do Norte*, mediante a ligação que o personagem Mundo com as memórias do seu passado, marcado por várias formas de sofrimento causado pela relação conflitante com o pai (Trajano Mattoso). Já no caso da narrativa *O Sol se Põe em São Paulo*, o *ressentimento* aparece como possibilidade de reformular o passado dos imigrantes japoneses vindos para o Brasil, em particular para São Paulo, no período da Segunda Guerra Mundial.

⁴ Este elemento é apresentado por Alcmeno Bastos como um dos principais aspectos que compõe o romance histórico.

⁵ Disponível em: <http://www.ifl.pt/private/admin/ficheiros/uploads/ff5e6978736cdb8476bbff3d25269cda.pdf>. Acesso em: 01/08/2014.

Dessa forma, a categoria *ressentimento* é um objeto recente dos estudos sociológicos e historiográficos. Além do ensaio fundador acerca dos afetos, entre eles o *ressentimento*, produzido por David Konstan (2004), também nos valeremos dos estudos de Pierre Ansart (2004) e Maria Rita Kehl (2004).

David Konstan enumera três aspectos: psicológico, social e existencial de conotação para o termo *ressentimento*. No primeiro aspecto que ele denomina de psicológico, o autor parte da ideia P. F. Strawson, em que este autor afirmar haver “ocasiões para *ressentimento*”, na medida em que alguém é ofendido pelo outro. No segundo aspecto denominado de social, Konstan assevera que o *ressentimento* surge da emoção resultada de um grupo que o indivíduo pertence e diante da percepção deste indivíduo ele pode sentir-se subordinado. Ainda segundo o autor o *ressentimento* também é uma resposta a discriminação e o desrespeito. O terceiro denominado de existencial está no âmbito da fenomenologia, ou seja, compõem uma “atitude duradoura causada pela expressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana” (KONSTAN, p. 62 apud SCHELER, 1915, p. 29).

Assim, embora Konstan discuta o *ressentimento* voltado à história das emoções pensadas mediante três aspectos históricos, verificamos que Pierre Ansart, propõe uma discussão também no âmbito da história, especificamente a relação do *ressentimento* tendo em vista a história e a memória dos fatos. Ansart assevera que o *ressentimento* se dá pela “experiência continuamente renovada de impotente hostilidade” (ANSART, 2004, p. 21), está impotência centra-se na dificuldade de explicar os “sentimentos individuais e coletivos” do sujeito ressentido. Assim, na memória do passado quando no centra-se no processo de recordação permiti a manifestação de novos sentimentos que podem compor rancores que antes não eram percebidos.

Em uma leitura psicanalítica, verificamos a compreensão do *ressentimento* no texto de Maria Rita Kehl (2004), intitulado “*Ressentimento*”, mediante uma visão privilegia o indivíduo em detrimento do sujeito. Para Kehl, o *ressentimento* “é uma constelação afetiva que serve aos conflitos característicos do homem contemporâneo, entre as exigências e configurações imaginárias próprias do individualismo” (KEHL, 2004, p. 11). Assim, o *ressentimento* pode ser pensado como uma categoria que nomeia a “impossibilidade de esquecer ou superar” uma ofensa.

Diante do que apresentamos até aqui, iremos agora averiguar como o a matéria histórica, que neste caso é a imigração japonesa, se faz presente nas narrativas que nos propomos analisar. Além disso, também vamos verificar como os efeitos dessa matéria histórica possibilitam o surgimento da categoria do *ressentimento* em tais narrativas.

3. Estética do *ressentimento* em *Cinzas do Norte* e o *Sol se Põe em São Paulo*.

Cinzas do Norte é uma narrativa composta por estórias de uma geração que criou expectativas de um mundo mais justo e que não conseguiu resistir às adversidades e se transformou em cinzas; um espaço subjetivo onde nada mais resta. Assim, a narrativa problematiza entre outras coisas a ideia de um projeto pessoal interrompido, por inúmeras formas de violência, observado a partir da vida do protagonista; o artista Raimundo.

A narrativa tem início após a morte de Mundo. Suas memórias são contadas pelo narrador Lavo, seu amigo de infância, que descreve todo percurso do amigo desde a infância até a morte; uma relação entre a aristocracia decadente e a pobreza que dela ainda dependia; os dois setores que caracterizavam a sociedade da época em que se desenvolve a narrativa.

Para narrar a vida de Mundo, Lavo se utiliza de todo acervo memorialístico deixado pelo amigo. Nele estão as cartas trocadas entre ele e o amigo, as pinturas e as obras de arte produzidas por Mundo.

Deste modo verificamos que a relação com o acervo memorialístico do personagem Mundo ocorre em função da própria condição que o texto literário oferece, pois, de acordo com Lúcia Miguel-Pereira (1950), o romance entre todos os gêneros literários precisa lidar com os elementos essenciais da realidade humana. Além disso, a matéria histórica ligada ao autoritarismo de estado presente na narrativa mostra que este romance pode ser pensado como histórico.

O segundo romance é *O sol se põe em São Paulo* (2007) tem como palco o Japão da Segunda Guerra. Nesse cenário é construído um triângulo amoroso que envolve Michiyo, Jokichi e Masukichi - uma moça de boa família, um filho de industrial e um ator de kyogen - teatro cômico japonês. A narração comporta a história contada pela proprietária - Setsuko de um restaurante japonês, ao narrador e também a história da pesquisa que o narrador realizou para completar as veredas de caminhos paralelos da narrativa. É diante dessas pesquisas que o narrador costura a trama que se torna complexa e se desdobra em outros tecidos textuais, uma vez que passados e presentes desnorteiam o narrador involuntário, agora compelido de um verdadeiro trabalho de detetive para completar a história em que se viu enredado.

Neste romance os aspectos históricos são muito evidentes, um deles é a Segunda Guerra que provoca na narrativa algumas percepções estéticas, uma delas é o *ressentimento*. Assim, por mais que a ficção seja “inteiramente avessa e inconciliável com a realidade dos fatos históricos”

(LINHARES, 1987, p. 638) é possível que a relação entre a ficção e história se estabeleça pelas percepções estéticas de que o romance é revestido.

Portanto, esses romances além de tematizarem também problematizam aspectos históricos em dois tempos distintos. O primeiro é a Ditadura Militar no Brasil, de 1964 e o segundo é a Segunda Guerra Mundial. Logo, é possível estabelecer uma compreensão da estética do *ressentimento* mediante as veleidades da técnica ficcional que permite inferir a ideia de que o romance histórico no Brasil ganha amplitude na medida em que os acontecimentos sociais, culturais, políticos, e econômicos passam a serem elementos de composição narrativa que quando utilizadas agregam valor histórico e literário a narrativa romanesca. Assim, os autores brasileiros, na perspectiva de Miguel-Pereira, foram capazes de se igualar aos seus contemporâneos europeus. No entanto, é a Machado de Assis que a autora dedica parte da escrita de sua história literária – o único, segundo ela, a subsistir a uma avaliação puramente crítica de sua produção. “[...] a todos os outros, inclusive a Raul Pompéia e Lima Barreto, que mais de perto o seguiram, é indispensável o socorro do relativismo histórico” (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 11).

Nesse prospecto de terreno fértil para a produção da prosa ficcional brasileira, autores contemporâneos como Milton Hatoum, Bernardo Carvalho encontram, de certa forma, muitos dados históricos para a ficcionalização de suas obras.

Na narrativa de *Cinzas do Norte*, a tessitura desses dados históricos, é apresentada desde as primeiras linhas quando Lavo, o narrador, descreve assim: “Li a carta de Mundo num barco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do Rio de Janeiro e as discussões sobre o destino do país” (HATOUM, 2010, p. 7). Nesta descrição do narrador, acerca do ambiente político em que se encontra a cidade do Rio de Janeiro, podemos inferir daí a ideia de que se trata do momento em que a Ditadura Militar havia sido instaurada no país. Logo, para Linhares, o tempo para o romance histórico não recebe o mesmo tratamento que recebe a história, pois a ficção é inspirada sempre naquilo que já passou e ao mesmo tempo precisa se fazer presente. Linhares afirma que

os fatos, no romance histórico, podem assim ser reapresentados sem a monotonia dos textos frios das histórias especializadas, que não comportam quaisquer desvios, não admitindo nenhum condimento da natureza imaginativa ou sentimental. Quer dizer, a ficção lhe é inteiramente avessa e inconciliável com a realidade dos fatos históricos (LINHARES, 1987, p. 638).

De acordo com Veridiana Pinheiro (2013), muitas matérias historiográficas são recuperadas no romance *Cinzas do Norte*, a que mais chama a atenção diz respeito à imigração japonesa. De fato, no romance, temos que por volta da década de trinta:

Oyama, o pioneiro, homem lembrado por todos, trouxera da Índia sementes de juta. Viera com a família em 1934; mais tarde chegaram dezenas de jovens agrônomos de Tóquio, passaram uns dias na Vila Amazônia e mais viajaram para o rio Andirá, onde fundaram uma colônia. Tinham construído um pequeno hospital, uma escola agrícola e Okayama Ken: uma vila onde até hoje moravam os trabalhadores mais antigos. Durante a segunda Guerra Mundial foram perseguidos e presos; alguns conseguiram fugir e depois voltaram. Tiveram filhos com mulheres daqui: jovens mestiços, metade índios, metade orientais e forçados. Ainda há vestígios daquela época: ruínas de um hospital, de casas cobertas de telhas e do *Kaikan*, um pavilhão enorme, todo de madeira erguido por um mestre de obra também japonês (HATOUM, 2010, p. 53 - 54).

A partir do fragmento citado, visualizamos a maneira como os japoneses foram perseguidos pelos militares no período que compreendeu a Segunda Guerra Mundial. Para Pinheiro o contexto

da imigração japonesa está inserido no romance, não apenas como eco intertextual, mas como forma de evidenciar a violência que esses imigrantes sofrem sob o julgo de Jano, que no romance é o dono da Vila Amazônia. A relação entre Jano e os japoneses serve para dar ênfase ao caráter autoritário e explorador de Trajano Mattoso. Exemplo desse caráter é o fato de Jano contratar um capataz que é ex-cabo da Polícia Militar para fiscalizar e punir, se fosse o caso, os empregados japoneses. Estes são obrigados a trabalhar na coleta da fibra de juta dia e noite, em condições de semi-escravidão, mesmo estando doentes ou fragilizados, imersos na água, pois a juta tem que ser coletada em área alagada (PINHEIRO, 2013, p. 64 - 65).

Dessa forma, o tratamento abusivo destinado aos japoneses e a discriminação que sofrem também pode ser percebido na forma como ocorre a distribuição arquitetônica da Vila Amazônia. As casas habitadas pelos japoneses eram chamadas de casebres de Okayama; a casa que pertencia a Jano era chamada de Palacete. Segundo a narração de Lavo as casas que a “maioria dos empregados [japoneses] morava[m] [eram] casebres espalhados ao redor de Okayama Ken” (HATOUM, 2012, p. 54). Já o palacete de Jano, igualmente descrito por Lavo, era luxuoso, tinha “na parede da sala, um mosaico de azulejos azuis e brancos ilustrava a Santa Ceia. Os azulejos e vários objetos de porcelana e prata eram portugueses. Depois Jano me levou à cozinha e aos seis quartos enfileirados na lateral do casarão” (HATOUM, 2012, p. 52).

Essa relação espacial e temporal também se faz presente na narrativa de *O Sol se Põe em São Paulo*, pois a reelaboração histórica pelos dados da matéria historiográfica a imigração japonesa é ficcionalizada a partir da configuração política histórica que é a Segunda Guerra.

Quando o narrador situa a narrativa a partir do tempo, este é relacionado com o restaurante símbolo temporal em âmbito espacial. Assim,

o restaurante mantinha as velhas mesas e o balcão de toras de madeira envernizadas, que davam ao ambiente um aspecto nostálgico, alpino, e que eu associava aos anos 50, quando o otimismo desenvolvimento fez São Paulo a sua ponta-de-lança industrial – e quando o meu pai, filho de agricultores do interior do Paraná, se mudou para a cidade e abriu uma firma de luminosos em nossa sociedade com um primo distante, de Fukuoka, que começara a ganhar dinheiro com o fim da ocupação aliada ao Japão (CARVALHO, 2008, p. 15).

O espaço ambientado na narrativa de *O Sol se Põe em São Paulo* é extremamente importante para os aspectos que o tempo narrado busca problematizar. Dessa forma, espaço e tempo são elementos intrínsecos a natureza ficcional histórica da obra.

Tais dados históricos cristalizam a relação entre a estética do *ressentimento* e o romance histórico, pois o narrador se esmera em escrever os dados históricos do processo imigratório dos japoneses para o Brasil. Assim, o romance em sua fabulação está repleto de dados históricos sobre o processo imigratório para o Brasil.

Para tanto, regatamos a ideia de que como na epígrafe que figura a introdução deste texto, a estética do *ressentimento* cintila a ideia de que a produção ficcional precisa ser revestida por conhecimentos que de certa forma comungue com inflexões temporais e históricas, como no caso dos romances em análise, pois, tanto o romance histórico quanto o *ressentimento*, possibilitam estabelecer reflexões acerca da política, da história, da cultura e da sociedade; quando a partir de implicações históricas, é possível demudar os dados históricos em ficcionais mediante as temáticas imersas em estratificações sutis que traduzem a história de determinada época no Brasil. Portanto, tanto o romance histórico quanto a estética do *ressentimento*, utilizam, como matéria de trabalho, o dado histórico e a memória, que na maioria das vezes culmina em documento cultural.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Alcmemo. **Introdução ao Romance Histórico**. EDUERJ, Rio de Janeiro, 2007.
- BRESCIANI, Stella; Naxara, Márcia (Orgs.). **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2ª Edição. Editora da Unicamp, Campinas, 2004.
- CARVALHO, Bernardo. **O sol se Põe em São Paulo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.
- ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O mini Aurélio do século XXI: O mini dicionário da língua portuguesa**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2002.
- FRATTINI, Paula Caldas. Walter Scott e Balzac: **Romancistas da História**. Dissertação de

Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2005.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. Casa do Psicólogo. Coleção Clínica psicanalítica. São Paulo, 2004.

LINHARES, Temístocles. **História crítica do romance histórico**. Editora da Universidade de São Paulo. Belo Horizonte, Itatiaia, 1987.

LUKÁCS, Georg. **O romance histórico**. Tradução: Rubens Enderle. Editora Bitempo. São Paulo, 2011.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção: História da Literatura Brasileira (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1950.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polemica**. Tradução Paulo Cesar de Souza. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2009.

PROENÇA, João Tiago. **Dicionário de filosofia: Moral e política**. Instituto de Filosofia da Linguagem. Disponível em:

<http://www.ifl.pt/private/admin/ficheiros/uploads/ff5e6978736cdb8476bbff3d25269cda.pdf>. Acesso em: 01/08/2014.

PINHEIRO, Veridiana Valente. **Ressonâncias da melancolia e resistência em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Orientadora Tânia Maria Pereira Sarmento-Pantoja. – Belém-Pará, 2013.